

Em Nossa Parte da Noite:

nossos horrores latino-americanos

Para você, o que são histórias de horror e terror? O grande público, aquele que vez por outra assiste ou lê uma obra do gênero, geralmente tem uma visão reducionista do que se compreende por horror. Isso, graças a campanhas de marketing de filmes (e até livros) que chegam a essas audiências. “O filme mais assustador da década, fez seus espectadores saírem correndo das sessões” ou “o livro que vai te deixar sem dormir por dias”. Tudo isso, na maioria das vezes, devido a sustos que apelam para nossos instintos mais básicos.

Essa concepção de horror não está errada, mas ela apenas compreende uma parte desse gênero tão vasto e indiscutivelmente humano. O horror pode ser isso, mas ele também é várias outras coisas: cômico, dramático, histórico; ele pode apelar para diversos sentimentos ao mesmo tempo, enquanto conta histórias que podem ou não conter sustos. Cheio de subjetividades, que são afetadas por região, credo e até mesmo situações socioeconômicas, não estaríamos sendo injustos se pensarmos no horror como um dos gêneros mais abertos aos diálogos do vasto campo das ciências hu-

manas. E, sendo um gênero extremamente subjetivo, então o que se entende por horror pode, também, mudar um pouco de pessoa para pessoa. Mas, como elementos básicos, o horror trabalha com o medo. Medo transformado em agonia, aflição, assombro, nojo, desconforto, paranoia... mas basicamente medo.

Apesar de, em grande parte, o público tomar conhecimento do horror e terror feito na Europa e nos Estados Unidos, o gênero circula por várias outras localidades. A América Latina, por exemplo, tem uma vasta contribuição neste campo — ainda que nem sempre esteja acessível para todos os moradores dessa região. Nos últimos anos, porém, vemos crescer um interesse em obras produzidas entre os países que compreendemos como latino-americanos. Não que a produção de horror aqui seja nova, muito pelo contrário, mas a internet tem se mostrado fundamental para a divulgação de livros e filmes criados por produtores latino-americanos. Traduções de obras escritas nesses países, também, ajudam na circulação para nós, brasileiros, que não somos falantes do espanhol.



Jéssica Reinaldo

Formada em História pela Universidade Federal de Uberlândia, revisora freelancer e criadora de conteúdo para internet, com foco nos gêneros de terror e afins. Escreve o blog Fright Like a Girl (<https://www.frightlikeagirl.com.br/>), com resenhas e opiniões de livros e filmes.

jessicareinaldop@gmail.com

Segredos da árvore

Acrílica sobre canson, formato A4, 2022

Um dos grandes nomes a representar essa produção é Mariana Enriquez, escritora argentina que tem angariado cada vez mais fãs aqui no Brasil, e conquistado o mundo com traduções de seus livros. Aqui no país, suas obras traduzidas contam com **As Coisas que Perdemos no Fogo**, traduzida por José Geraldo Couto, **Este é o Mar** e **Nossa Parte da Noite**, os dois últimos com tradução de Elisa Menezes, e os três editados e publicados pela Editora Intrínseca. A Editora Relicário também trouxe para o país a edição de **A irmã menor: Um retrato de Silvina Ocampo**, traduzido por Mariana Sanchez, uma biografia da (também) autora argentina Silvina Ocampo.

Enquanto **Este é o Mar** e **As Coisas que Perdemos no Fogo** são narrativas mais curtas — o primeiro, com 176 páginas, e o segundo uma antologia de contos —, **Nossa Parte da Noite** é o trabalho ficcional mais longo da autora publicado no Brasil. É, também, um dos maiores exemplos de terror latino-americano da atualidade.

No enredo, entramos em contato com uma série de personagens complexos e atraentes e suas histórias, que se entrelaçam e se desenvolvem. Dividido em seis capítulos, nossos protagonistas são Juan e seu filho Gaspar. Ao longo da primeira parte, quando conhecemos ambos e suas relações complicadas, os vemos viajando pelo interior da Argentina no auge da ditadura do país, que ocorreu entre os anos de 1976 e 1983. É esta primeira parte que dá o tom do restante da narrativa: os estranhos poderes de Juan, seus receios para com seu filho, o sinistro envolvimento familiar em algo que é muito maior que os dois.

Rosario, a esposa de Juan e mãe de Gaspar, faleceu há pouco tempo em um acidente com um ônibus. Em um dos capítulos do livro conhecemos melhor sua história e como

ela e Juan acabaram juntos, uma relação forte e explosiva. Desde a morte da esposa, então, o homem, que já era dado a um comportamento excêntrico, piorou. A família de Rosario, muito rica e exploradora, mantém uma fazenda de erva-mate, e é para lá que pai e filho se dirigem, fazendo o possível para evitar os militares nas estradas.

Gaspar, por sua vez, é um garoto que se resente um pouco pelo pai. Não compreendendo exatamente os períodos de isolamento pelos quais o homem passa, e não entendendo porque sua casa é tão pouco acolhedora, diferente das casas de seus amigos, Gaspar gosta de passar o tempo em outras companhias. O jovem não sabe, também, que é parte de um joguete da família de sua mãe.

Longe de tentar generalizar a América Latina como uma só, é inegável que nossa região compartilha situações sociais, culturais e políticas que são avistadas em dois, três, quatro ou mais países.

Ao longo do livro, vamos acompanhar e descobrir uma série de situações vividas por esses personagens, e tantos outros que orbitam suas vidas, formando um vitral repleto de elementos macabros, assim como características políticas de uma história que, mesmo quem não esteve nunca esteve na Argentina, mas conhece um pouco de nossa própria vivência como latino-amer-

icanos, consegue compreender. Longe de tentar generalizar a América Latina como uma só, é inegável que nossa região compartilha situações sociais, culturais e políticas que são avistadas em dois, três, quatro ou mais países. Em **Nossa Parte da Noite**, os terrores latino-americanos são evidenciados e agrupados em várias dessas situações: governos conservadores ditatoriais, sumiços de corpos de presos políticos, prisões efetuadas nesse período sem motivo aparente, perseguições, exploração de pessoas e grupos marginalizados, para citar alguns. Até mesmo a forte influência norte-americana e europeia é evidenciada em trechos da história, onde vemos flashbacks de Juan e Rosario viajando pela Euro-

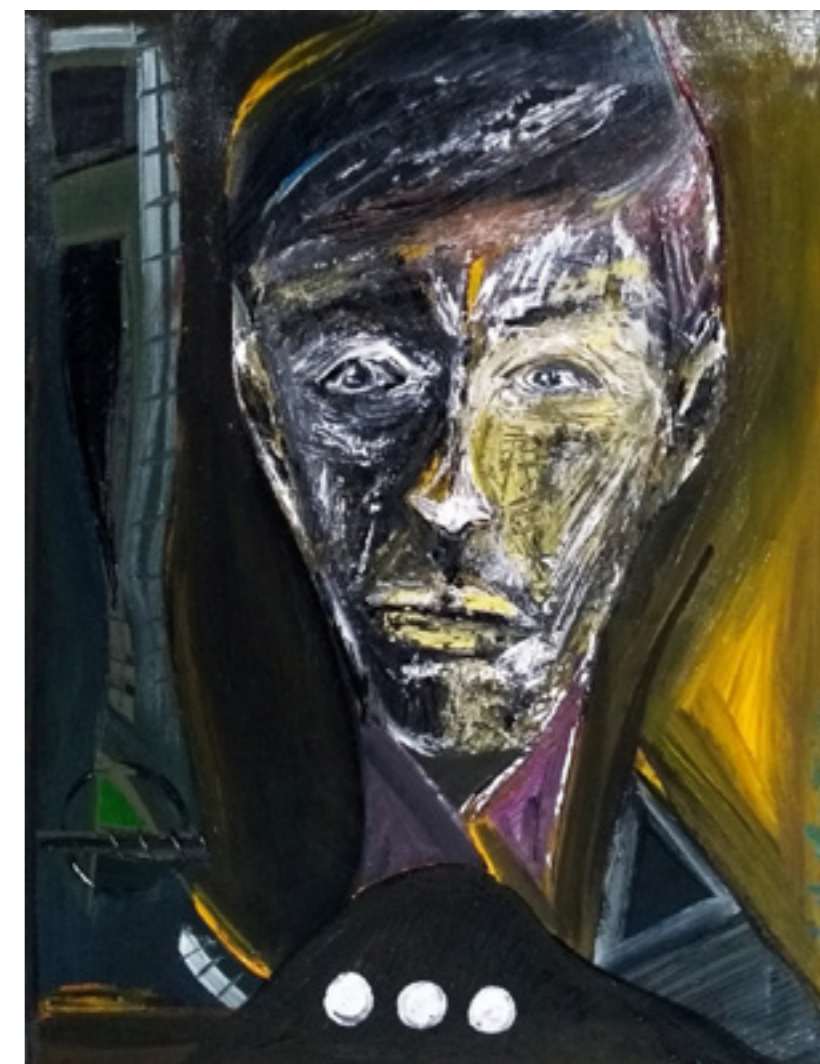
pa em sua juventude.

Tudo isso é abordado no livro como um detalhe das vidas dessas pessoas. A obra, em si, tem como pano de fundo elementos mais tradicionais do horror. No cerne da história, temos um grupo que, através do ocultismo, tenta manter sua própria hegemonia social nas classes mais altas da elite daquele país. Contamos ainda com uma casa assombrada e passagens que, com suas características, poderiam ter saído de qualquer clássico do terror, mas que estão profundamente arraigadas na experiência latino-americana.

Nossa Parte da Noite é apenas uma das muitas narrativas que se inserem nesse tema político aliado ao horror contemporâneo. Em **As Coisas que Perdemos no Fogo**, Enriquez também utiliza essa abordagem em alguns de seus contos. Alguns outros exemplos são **As Lembranças do Porvir**, de Elena Garro (menos contemporâneo que os outros exemplos, e que é melhor encaixado no realismo fantástico, mas tem passagens insólitas); **O Parque das Irmãs Magníficas**, de Camila Sosa Villada (que, também, não se insere exatamente no terror, mas tem diversas passagens insólitas); **Sacrifícios Humanos e Rinha de Galos**, de María Fernanda Ampuero; **Saboroso Cadáver**, de Agustina Bazterrica; **Gótico Mexicano** e **A Filha do Doutor Moreau**, de Silvia Moreno-Garcia; **Porco de Raça**, de Bruno Ribeiro; **Inventário de Predadores Domésticos**, de Verena Cavalcante; **1618**, de Cesar Bravo; **Ninguém Nasce Herói**, de Eric Novello; entre tantos outros. No cinema, dois fortes exemplos dessa perspectiva são **A Chorona** (2019), do guatemalteco Jayro Bustamante

(não confundir com **A Maldição da Chorona**, de Michael Chaves); e **Los que vuelven** (2019), da argentina Laura Casabe.

O horror é, afinal, um dos grandes recursos que temos para contarmos nossas histórias. É através dele, de suas alegorias, que podemos trazer à luz alguns assuntos que estão tão enterrados em nossas vivências, e podemos explorá-los de forma a, cada vez mais, compreendê-los. Seja servindo como válvula de escape, seja como uma forma de manter viva uma memória tão aterrorizante — conhecendo nossas histórias, temos os meios para não repeti-las —, a ficção, e nisso se insere o horror e o terror, é uma das ferramentas que temos a nosso favor. Isso serve tanto para nossas histórias pessoais quanto para histórias compartilhadas, como as dessa região, tão diversa e rica, mas que compartilha um passado (e, por vezes, um presente) de dominação e sofrimento.



Observa-dor
Acrílico sobre tela, 2020